

TOBY LITTLE

# Querido mundo, como vai você?

*A história de um pequeno menino  
com uma grande missão*

Tradução

HILDEGARD FEIST



FONTANAR

Copyright © 2017 by Toby Little  
Publicado originalmente em inglês pela Penguin Books Ltd.  
O autor assegura seus direitos morais.  
Todos os direitos reservados.

O selo Fontanar foi licenciado pela Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Dear World, How Are You? —  
The True Story of a Little Boy on a Big Quest

CAPA estúdio insólito

IMAGEM DE 4ª CAPA Dreamstime

PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Little, Toby

Querido mundo, como vai você? : a história de um  
pequeno menino com uma grande missão / Toby Little ;  
tradução Hildegard Feist. — 1ª ed. — São Paulo : Fontanar,  
2017.

Título original: Dear World, How Are You? : The True  
Story of a Little Boy on a Big Quest  
ISBN 978-85-8439-058-8

1. Cartas – Miscelânea 2. Garotos – Correspondência  
3. Little, Toby – Correspondência. I. Título.

17-00820 CDD-808.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Miscelânea : Literatura 808.6

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.facebook.com.br/Fontanar.br](http://www.facebook.com.br/Fontanar.br)

For everybody who helped  
me with my project  
and for every child with  
a big dream.

Toby

\* Para todo mundo que me ajudou no meu projeto e para toda criança que  
sonha grande.

# Apresentação

## *O começo de Toby*

Querido Mundo,

Este livro conta como comecei a minha grande aventura de escrever para todos os países do mundo. A minha mãe vai explicar para você como tudo começou.

Este não é um livro de histórias propriamente dito, porque livros de histórias propriamente ditos têm criaturas mágicas e coisas inventadas, e esta história é todinha verdadeira. Mas acho que também é um pouco mágica, porque, quando acontecem umas coisas que a gente nunca imaginou, existe um pouquinho de mágica, só que de outro tipo.

Eu não vou falar muito que é para não estragar o que está no livro; portanto, leia, se você quiser. Tomara que você goste!

Tchau,

Toby (sete anos)

## *O começo de Sabine*

Tudo começou em 16 de junho de 2013. Nesse dia, Toby chegou da escola com um livro chamado *A Letter to New Zealand* e a tarefa de lê-lo comigo, em casa. Toby tinha cinco anos e meio e estava quase no fim do Reception, o primeiro ano escolar no Reino Unido. O livro não era de ficção e descrevia a trajetória de uma carta — até a agência do correio, a bordo de uma van, até um centro de triagem, depois num avião... e até as mãos de um menino na Nova Zelândia. O livro continha um mapa, e Toby descobriu que a Nova Zelândia fica muito longe. Ele mal aprendera a escrever e me perguntou se poderia escrever uma carta para a Nova Zelândia. Eu não conhecia ninguém lá, mas achei que talvez pudesse pesquisar e encontrar alguém. Assim foi a nossa conversa:

Toby: Mamãe, será que eu posso escrever uma carta para a Nova Zelândia?

Eu: Hã... acho que pode. Eu vou ter de encontrar alguém por lá, mas posso procurar. Você quer que eu procure?

Toby: Quero! Obrigado, mamãe, obrigado!

Eu: Tudo bem. Então vamos procurar.

[Pausa]

Toby: Mamãe?

Eu: Sim?

Toby: Será que eu posso escrever uma carta para cada país do mundo?

Eu: ...!!

Foi nesse momento que mil coisas me passaram pela cabeça. Lembro que pensei no tamanho do mundo, na quantidade de países, na possibilidade de encontrar um indivíduo

em cada país... E cheguei à conclusão de que a resposta não podia ser “sim” ou “não”. Portanto, resolvi que devíamos falar sobre o que é “país” e as maneiras de defini-lo. Juntos, pesquisamos na internet e achamos que um jeito óbvio de falar em “países” seria através dos membros da ONU — 193 países. Pareciam cartas demais para um menino, principalmente para um menino que nunca tinha escrito uma carta na vida. Então lhe propus que começasse devagar, talvez com umas cinco cartas, só para ter uma ideia de como seria. Ele adorou a ideia, e, assim, voltei para a internet em busca de ajuda; através das redes sociais, perguntei se algum dos meus amigos conhecia alguém em outro país que se dispusesse a receber uma carta de Toby e responder-lhe.

Várias pessoas se manifestaram, e acabamos obtendo cinco endereços — três nos Estados Unidos, um na França e um na Austrália. Toby demorou uma semana para escrever essas cartas, e a primeira de todas foi para Patricia, no Havai. Era bem curtinha, mas ele demorou cerca de meia hora para redigi-la; e Patricia, muito gentil, prontamente respondeu.

### *Carta para Patricia*

Oi, Patricia,

Como vai? É verdade que você mora numa cidade chamada Volcano? Bem que eu gostaria de morar aí.

Tchau,

Toby

## *Resposta de Patricia*

Querido Toby,

Eu moro na ilha grande do Havaí, no estado do Havaí. Temos aqui um vulcão ativo e uma montanha que fica nevada no inverno. Obrigada por sua linda carta.

Aloha,

Patricia

É uma carta bem curta, mas perfeita para começar, porque “Volcano”, a cidade natal de Patricia, parecia um lugar incrível para se morar e inflamou a imaginação de Toby. Ele resolveu confirmar o nome com Patricia, e também pesquisamos na internet. Toby percebeu que, antes de escrever uma carta, era bom “pesquisar” para saber exatamente o que gostaria de perguntar. Com o tempo, encontramos a melhor forma de fazer pesquisas com um menino que mal começara a aprender a ler e escrever: eu digitava, buscando primeiro a cidade. Procurávamos basicamente imagens, e Toby escolhia o que lhe chamava a atenção — animais, edifícios, monumentos. Clicávamos na imagem, e eu o ajudava a descobrir se era de fato interessante, o que às vezes era muito difícil quando o texto que acompanhava a imagem estava escrito em outra língua.

Tão logo descobríamos do que se tratava, Toby decidia o que perguntar. “Você esteve em...?” ou “O que a gente pode ver em...?” eram perguntas típicas, mas ele também estava interessado na escola de outros países, na profissão das pessoas, nas comidas e nas festas locais. As cinco cartas seguintes foram para a Itália, o Japão... e não lembramos mais para onde, porque nunca pensamos que alguém tivesse interesse em saber! Embora tivesse dito que queria escrever para to-

dos os países do mundo, ele, a princípio, só escrevia para quem queria ser seu contato. Cinco cartas... dez cartas... quinze cartas. Todas foram para diferentes países, mas, depois de umas quinze, achamos melhor pensar mais um pouco sobre os países para os quais Toby realmente queria escrever. Um deles era o Egito, e lá fui eu tentar encontrar alguém, através de amigos de amigos. Durante todo esse tempo, fotografávamos as cartas, e, já no começo, criamos o site <[www.writingtotheworld.com](http://www.writingtotheworld.com)>, para ter um lugar em que pudéssemos armazenar as cartas e onde os correspondentes de Toby pudessem encontrá-las, caso elas se perdessem pelo caminho. Mas o criamos também porque logo nos demos conta de que, quando recebesse as respostas, Toby já teria esquecido o que havia perguntado; juntar as perguntas e as respostas, portanto, faria com que se lembrasse.

Toby não demorou a constatar que nem todas as crianças do mundo levavam uma vida como a dele. Primeiro era só uma questão de línguas diferentes, comidas diferentes, casas diferentes; até que, um dia, conseguimos um contato na Somália. Foi a primeira vez que pedi para o meu filho esperar um pouco, enquanto eu via as imagens na internet, e a primeira vez que fiquei pensando em como lidaria com as possíveis perguntas de Toby. Como, na carta que escreveu, ele perguntou o que poderia fazer para ajudar as crianças da Somália, tratamos de procurar uma instituição de caridade cujo trabalho fosse fácil de explicar para um menino de cinco anos. Além de ter um site voltado para crianças, a ShelterBox\* tam-

\* Instituição de caridade que, graças a doações de cidadãos britânicos e afiliados internacionais, fornece a desabrigados do mundo inteiro (vítimas de desastres naturais ou crises humanitárias) “ShelterBoxes”, ou “caixas de abrigo”, contendo material necessário para sua sobrevivência (tenda, provisões, agasalhos, utensílios de cozinha, kit para purificar água etc.) Também fornece “shelter kits”, contendo lona e ferramentas para essas pessoas posteriormente reconstruírem suas casas. Foi criada na Cornualha, Inglaterra, em 2000. (N. T.)



bém produzia livros infantis, explicando os desastres que podem acontecer em todo o mundo. Graças a esses livros, aprendemos muita coisa sobre tsunamis, inundações e terremotos, e Toby se propôs arrecadar dinheiro suficiente para uma “ShelterBox”, pouco menos de seiscentas libras.

Umás vinte cartas depois, começaram as férias de verão; tínhamos, portanto, seis semanas para explorar o mundo sem sair de casa, pois não pretendíamos viajar. Só brincávamos no jardim, saíamos para caminhar, e Toby escrevia cartas. Eu tive de ir para a Alemanha, onde fiquei por duas semanas, e recebi uma carta do meu filho. Enquanto estava fora, conheci vários cidadãos de outros países e então voltei para casa com novos contatos.

Muitas pessoas já perguntaram de onde saíram todos os contatos. Algumas achavam que Toby escrevia ao acaso, mas não é verdade. Cada carta era endereçada a uma criatura bondosa que havia concordado em estabelecer contato (há três... talvez quatro exceções, às quais chegaremos mais adiante), encontrada porque o mundo está cheio de gente boa que se dispôs a ajudar Toby a realizar o seu sonho.

Depois que Toby havia escrito umas quarenta cartas, ficou claro que era um menino obstinado — o que eu não tinha percebido até então — e que simplesmente não iria desistir; diante disso, o mínimo que eu podia fazer era garantir-lhe correspondentes, em todos os países, pelo tempo que ele quisesse. A essa altura, amigos pediam a colaboração de amigos e, de quando em quando, aparecia alguém com uma porção de contatos. Uma pessoa com quem eu havia trabalhado quinze anos antes tinha um amigo que forneceu vários endereços e cujo cunhado contribuiu com outros tantos. Nunca vimos essa gente, mas, lá e cá, eu recebia uma mensagem como “Encontrei alguém nas Seychelles” ou “Aqui é do Tadjiquistão”. Além de enviar mensagens através do site Writing to

the World, também mandei e-mails para museus, escolas, embaixadas, agências de preservação ambiental e instituições de caridade de outros países. Às vezes, tínhamos uma sorte incrível, como quando escrevemos para a organização African Parks, na África do Sul, e uma simpática senhora chamada Dominique transmitiu a nossa mensagem a todos os parques do grupo. Quando as aulas começaram, em setembro, Toby estava prestes a concluir a sua missão; com efeito, em meados de setembro de 2013, faltavam-lhe apenas sete países, e ele havia escrito mais de 250 cartas — algo que nenhum de nós teria imaginado a princípio. Durante todo esse tempo, o projeto “seguiu em frente” tranquilamente, movido a contatos pessoais, amigos de amigos (de amigos de amigos de amigos). Muitos correspondentes queriam se manter atualizados sobre o projeto, e, como só tínhamos o site, criamos uma página no Facebook, que começou com uns cem participantes — amigos, parentes e contatos anteriores. Nela, partilhávamos sucessos como a chegada de mais cartas, o surgimento de novos contatos, a preparação de pratos, cozidos ou assados a partir das receitas que nos enviavam... Àquela altura, Toby estava tão perto do seu objetivo que não tínhamos dúvida: alcançá-lo era pura questão de tempo.

De repente, ocorreu uma mudança. Da noite para o dia, no final de setembro de 2013, recebemos centenas de mensagens. As “curtidas” no Facebook passaram de cem para mil, 2 mil, 3 mil num único dia. Os jornais nos procuraram. Não entendíamos o que tinha mudado. Por fim, deparamos com uma breve e inocente mensagem: “Postei seu projeto no reddit [site de mídia social], espero que não se importem!”.

Centenas e centenas de pessoas queriam mandar coisas para Toby ou se corresponder com ele. Através das mensagens que recebíamos, conseguíamos localizar os jornais que publicavam artigos sobre nós, muitos deles em inglês, espa-

nhol, português, sérvio, italiano, coreano, russo, vietnamita, chinês, urdu... Tomamos um táxi até a emissora de tv e demos uma entrevista para o noticiário local; Toby também foi entrevistado pelo BBC World Service e pela BBC Radio Sheffield. Lembro que, ao buscá-lo na escola, falei: “Um repórter de Nova York gostaria de conversar com você... o que você acha?”. A vida virou uma loucura durante algum tempo. A editora que havia publicado *A Letter to New Zealand* (Collins Big Cat) escreveu para nos informar que custearia a primeira ShelterBox de Toby, que, agora, já havia arrecadado mais de mil libras.

Recebemos ofertas de gente que queria adotar Toby (nem pensar!). Mas, acima de tudo, recebemos muitas mensagens calorosas de pessoas do mundo inteiro que se comunicaram conosco só para nos dizer que o projeto de Toby despertara nelas alguma coisa — fé e esperança de um mundo melhor. Um encantamento infantil. A determinação de perseguir um sonho. Algumas mensagens eram profundamente pessoais, e muitas continham pedidos de desculpas pelo inglês macarrônico. Mas não era o inglês macarrônico que nos importava, e sim o fato de tanta gente se dar o trabalho de nos procurar só para dizer que gostava do projeto de Toby. Uns e outros escreviam na sua própria língua — se não entendíamos, procurávamos alguém que traduzisse essas mensagens —, e Toby resolveu aprender uma porção de línguas para poder falar com o maior número possível de pessoas de todo o mundo.

Não conseguíamos responder a todas as mensagens — era impossível —, mas líamos uma por uma. Assim, a página do Facebook se tornou para nós um meio de comunicação com o mundo. Àquela altura, mais de 5 mil indivíduos de todo o planeta já haviam acessado a página. Cada um deles queria muito partilhar seu mundo com Toby e com os demais e aprender com as cartas que o menino recebia. Pergun-

távamos que animais havia em seus países e ficamos sabendo da existência de *boomslangs* [serpentes venenosas] na África do Sul e de escorpiões na América Central. Quando Toby resolveu organizar uma feira de artesanato a fim de arrecadar dinheiro para uma ShelterBox, pedimos sugestões ao “mundo” e, seguindo uma ideia da Tailândia, fizemos peixes de papel com tiras de várias cores entretecidas. Também pedimos receitas culinárias e passamos semanas cozinhando e assando.

E, enquanto isso, as cartas continuavam.

No começo de outubro de 2013, conseguimos o último contato, em San Marino. Toby escreveu para lá, e pronto: havia enviado cartas a todos os países do mundo. Missão cumprida.

Ou não?

Ele disse, no começo, que este não é um livro de histórias propriamente dito, porque não tem nada de inventado. Mas não é um livro de histórias propriamente dito também por outro motivo. Na escola, Toby está aprendendo que as histórias inventadas devem ter começo, meio e fim. Esse seria o momento de um final feliz. Só que não foi um final feliz. Foi meio feliz. Porque Toby não quis mais parar de escrever.

Quando ele estava para completar seis anos, em novembro de 2013, eu pedi ao mundo que me ajudasse a fazer-lhe uma surpresa, e gente de todo o planeta tirou selfies com a frase “Feliz Aniversário, Toby” — uma das mais inesquecíveis é a de James e seus colegas, que pintaram uma faixa enorme e posaram com ela no Polo Sul.

Agora, Toby não precisa tanto de mim para ajudá-lo a pesquisar. Além disso, é possível acompanhar o progresso de sua caligrafia ao longo de centenas de cartas — o início da escrita cursiva, a fase do arredondamento das letras. Se nos arrependemos de alguma coisa, é de não datar as cartas. Algumas remontam a acontecimentos específicos — a carta para a Síria (outro país cujas imagens tratei de olhar antes de

Toby escrever) foi enviada dias depois dos ataques com gases em 2013.\* As cartas fazem muitas referências a desastres naturais. O projeto teve também um efeito colateral desagradável. Sempre que ocorre alguma coisa no mundo, é num lugar onde mora alguém que conhecemos. Quando o tufão Haiyan atingiu as Filipinas, em novembro de 2013, Anika e seus alunos nos enviaram mensagens para dizer que estavam bem. Toby continua angariando fundos e, toda vez que recebe uma informação de que uma ShelterBox foi enviada para uma área de desastre, fica feliz por ter podido ajudar um pouco. Todos os desastres são pessoais; cada um tem um nome, uma história, uma carta relacionada com ele.

Estamos escrevendo isto em novembro de 2015. Até agora, Toby escreveu 562 cartas, mas, quando você tiver este livro em mãos, provavelmente esse número será maior. Se perguntar ao meu filho se pretende continuar, ele vai responder que sim, “até virar adulto”. Pode ser que amanhã, quando acordar, ele diga que acabou para sempre, e isso também seria ótimo. Mas ele não acha que vai parar. Quando começou o projeto, falou que queria “aprender mais sobre o mundo, ajudar as pessoas a se entenderem melhor e fazer do mundo um lugar melhor”. Desde então, tem dito que quer “mostrar para as pessoas como o mundo é fantástico”. Não podíamos imaginar a bondade de todos que se envolveram no projeto, dos contatos, dos que ajudaram a encontrar esses contatos e dos que participaram da página no Facebook. Vocês são o que torna o projeto possível, o que torna a história mágica. Obrigada. Nós dois estamos muito, muito agradecidos.

Escrevi esta apresentação depois de conversar muito com Toby para saber o que ele queria partilhar com você; depois,

\* Em 21 de agosto de 2013, a periferia de Damasco sofreu um ataque químico, com “gases neurotóxicos”, que resultou em centenas de mortos. (N. T.)

ele leu o que escrevi e sugeriu algumas modificações. Também falamos sobre as introduções às cartas contidas neste livro. Ao partilhá-las, procuramos estabelecer um equilíbrio entre os continentes, as idades dos contatos e os temas — podíamos ter escolhido outras cartas, e Toby adora todas, não só as que publicamos aqui. Temos caixas de cartas em casa, e, como ele continua escrevendo, quase toda semana nos traz novas cartas, novas perguntas, novos contatos, novas descobertas. Obrigada a você por nos acompanhar nesta viagem.

*Sabine, mãe de Toby*